

Aproximações entre cinema e futebol no filme “Heleno”, de José Henrique Fonseca¹

Darlan Roberto dos SANTOS²
Faculdade Santa Rita, Conselheiro Lafaiete, MG

RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, discutir a relação entre cinema e esporte – mais especificamente, entre cinema e futebol. Para isso, serão abordados aspectos como o papel social de ambos, caráter artístico e a questão estética. Nestes dois últimos quesitos, emerge uma indagação: Afinal, esporte e cinema podem ser considerados manifestações artísticas? Em nossa abordagem, teremos, como *corpus* de análise, o filme *Heleno* – uma cinebiografia do ídolo botafoguense Heleno de Freitas, dirigida por José Henrique Fonseca.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; esporte; arte; estética; Heleno de Freitas.

Introdução

Afora a beleza do esporte, perceptível em jogadas espetaculares, tacadas certeiras e dribles mágicos, muito se discute, na Academia, a respeito do teor artístico presente na prática esportiva. Em grande parte, tal debate concentra-se em uma disciplina específica: a estética. Wolfgang Iser discorre a respeito:

O esporte é frequentemente negligenciado por essa disciplina (estética); costuma-se simplesmente assinalar os traços artísticos do esporte, para logo julgá-los como simplesmente óbvios e uma questão sem interesse. O prazer no esporte é considerado um prazer baixo de massas – um prazer que não é digno de consideração positiva pela estética. (...) Na realidade, o verdadeiro fascínio do esporte deriva de aspectos que, de forma diversa, estamos habituados a experimentar e admirar nas artes. (WELSCH, 2001, p. 158)

Se a estética não tem o esporte em bom conceito, como reforça Iser, talvez, isso se deva à sua popularidade – principalmente, em se tratando de modalidades como o futebol. Teóricos das “Belas Artes”, injustamente, relutam em acatar espetáculos que sejam facilmente entendidos e amados pelas massas, o que, similarmente, acontece com a literatura mais comercial. É como se apenas as *belles lettres* fizessem por merecer o “Olimpo” do cânone, ficando, tudo o que é popular, à margem, como algo menor.

Entretanto, o próprio Iser pondera que há aspectos comuns no arrebatamento que esporte e arte provocam. Explicitando-os, podemos citar a catarse que se faz

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Doutor em Literatura Comparada. Professor da Fasar/CL, email: fenixdr@gmail.com

presente na fruição de uma obra, ou ao assistir a um espetáculo de ópera, que também ocorre quando um torcedor assiste à vitória de seu time.

No presente trabalho, pretende-se discutir o teor artístico do esporte, através da questão estética, e suas afinidades com uma manifestação artística, em especial: o cinema. Sabendo-se que a “sétima arte” também enfrenta questionamento semelhante (a respeito de seu caráter artístico), buscar-se-á aproximar os dois setores, especificamente, através da abordagem do futebol no cinema. Para ilustrar a discussão, teremos, como *corpus* de análise, o filme *Heleno* – uma cinebiografia de Heleno de Freitas (1920-1959), dirigida por José Henrique Fonseca. O filme, lançado em 2012, enfatiza a dramática trajetória do atleta e seu talento como o maior ídolo botafoguense antes de Garrincha.

Cinema e Esporte: Interfaces

As aproximações entre cinema e esporte são possíveis sob diferentes prismas, a começar, pela “vitalidade” que envolve essas duas searas. O cinema, embora seja taxado, comumente, como uma fantástica ilusão, serve-se de toda a potencialidade que a vida oferece, para explorar temáticas, questões sociais, histórias de personalidades e de gente comum, que, na tela, parecem adquirir uma dimensão extraordinária, embora sejam, em seu âmago, apenas nuances da “vida”.

Neste sentido, Jorge Luis Borges, em texto publicado em 1929³, assinala que o cinema já foi chamado de biógrafo. Recuperando esse vocábulo, o escritor argentino alerta para a pluralidade da sétima arte; sua capacidade de criar cinebiografias e reinventar vidas na tela. Assim, segundo o ensaísta, a câmera funcionaria como um equipamento de “escritas” de vidas, transpondo, para as salas de exibição, sentimentos, fatos e lembranças.

Já o teórico da Comunicação Marshall McLuhan nos revela que, na Inglaterra, as casas de cinema eram conhecidas originalmente como “O Bioscópio”, “por apresentar visualmente o movimento real das formas de vida (do grego bios, modo de vida)”. O cinema, metaforizava McLuhan, seria capaz de enrolar o “mundo real num carretel, para desenrolá-lo como um tapete mágico de fantasia” (MCLUHAN, 2008, p. 319).

³ O ensaio *El cinematógrafo, el biógrafo* foi publicado no jornal *La Prensa*, em abril de 1929, e é considerado o primeiro texto de Borges dedicado ao cinema.

Quanto ao esporte, sua relação com a vida é evidente. Não existe prática esportiva sem a presença humana – seja como elemento atuante ou espectador. Superar os limites físicos e emocionais é o desafio dos grandes atletas e, mesmo em modalidades em que a tecnologia é preponderante, como o automobilismo, o competidor destaca-se, como peça-chave. Sem falar nos torcedores, que, em qualquer atividade esportiva, conferem humanidade ao espetáculo, depositando, em seus ídolos, o desejo de vencer e vibrar com a vitória.

Assim, chegamos a outra similaridade entre cinema e esporte, que nos é apontada por Walter Benjamin: a mobilização do público e seu envolvimento, muitas vezes, participativo. Para o autor, espectadores de ambos teriam semelhanças evidentes:

A técnica do cinema assemelha-se à do esporte no sentido de que nos dois casos os espectadores são semi-especialistas. Basta, para nos convenceremos disso, escutarmos um grupo de jovens jornalistas, apoiados em suas bicicletas, discutindo resultados de uma competição de ciclismo. No que diz respeito ao cinema, os filmes de atualidades provam com clareza que todos têm a oportunidade de aparecer na tela. Mas isso não é tudo. Cada pessoa, hoje em dia, pode reivindicar o direito de ser filmado. (BENJAMIN, 1989, p. 68)

Além de se comportar como um “especialista”, o público, como nos lembra Benjamin, anseia, de alguma forma, pela oportunidade de tornar-se alguém especial, adquirir visibilidade (como os milhões de garotos brasileiros, que sonham em ser um novo Neymar, ou os jovens que se espelham em seus ídolos do cinema). Mas, como esse destino é reservado a poucos, o que resta, à grande maioria dos espectadores, é a realização simbólica, através dos verdadeiros “artistas” (da bola e da interpretação). O ídolo, afinal, também se presta a isso: permitir às pessoas que se realizem simbolicamente, através deles.

Cogitamos, ainda, uma terceira aproximação, que envolve uma polêmica histórica e conceitual: Afinal, o cinema pode ser considerado arte? E quanto ao esporte, o aspecto estético pode alçá-lo ao patamar de manifestação artística?

Recorrendo novamente a Benjamin (1989), o pensador alemão assinala que o debate acerca do caráter artístico da fotografia e do cinema, a partir do século XIX, revelava, de fato, uma “transformação histórica”. Para o teórico, as novas formas de expressão humana, possibilitadas pela tecnologia, na verdade, implicavam em uma mudança do conceito de arte. Dizendo de outra forma: os avanços tecnológicos, tão incorporados à vida moderna, às atividades cotidianas e às manifestações culturais, estariam interferindo nas práticas humanas, inclusive, na arte, com o surgimento de

modalidades como a fotografia e o cinema – tecnológicos em sua concepção, mas, em essência, tão imbuídos de sensibilidade e, porque não dizer, humanidade, quanto a pintura e a literatura.

Quanto ao esporte, sua proximidade com a arte (e, conseqüentemente, com o cinema), pode se dar, segundo nossa análise, pela questão estética. A fim de explicarmos a posição defendida no presente artigo, convém mobilizarmos algumas considerações sobre estética, as quais reforçam o seu caráter polissêmico⁴:

Grande parte dos pesquisadores do século XX compreende o conceito “estética” como a ciência (filosófica) da arte e do belo. (...) Alguns teóricos também acrescentam, como objeto da disciplina estética, a forma, a poesia, a criatividade, a mimese artística, a imaginação, a verdade artística e o estilo, entre vários outros⁵. KIRCHOF, 2003, p. 17-18)

Portanto, entendo estética de maneira mais ampla, e passível de ser apontada em atos do cotidiano, como admitem os autores citados, podemos considerar que há estética no esporte – e, por conseguinte, no futebol.

Neste, a estética faz-se presente desde a organização do jogo, com a disposição dos jogadores – em princípio, nas suas posições pré-determinadas – que, ao apito inicial do juiz, dão início a um verdadeiro bailado, repleto de passos encadeados, frenéticos, que, ao longo de, pelo menos, 90 minutos, compõem uma coreografia norteada por um objetivo: balançar a rede do adversário. Quando isso acontece, tem-se um expressivo desdobramento: a comemoração. É neste momento que jogadores e plateia comungam do mesmo sentimento, e compõem, unissonamente, o espetáculo.

A metáfora – um recurso estilístico frequentemente utilizado na literatura – nos permite analisar uma partida de futebol tal como uma manifestação artística – um balé, talvez – buscando, no jogo, aspectos que servem à observação estética.

Se, conforme autores mencionados pelo pesquisador Edgar Kirchof, como Iser e Jauss, podemos admitir, como objetos da disciplina estética, a forma, a poesia, a criatividade, a mimese artística, a imaginação, a verdade artística e o estilo, o esporte estaria em conformidade com tal ramo do saber, já que, em modalidades como o

⁴ Estética (do grego αισθητική ou aisthesis: percepção, sensação) é um ramo da filosofia que tem por objeto o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte. Ela estuda o julgamento e a percepção do que é considerado belo, a produção das emoções pelos fenômenos estéticos, bem como as diferentes formas de arte e do trabalho artístico; a idéia de obra de arte e de criação; a relação entre matérias e formas nas artes. Por outro lado, a estética também pode ocupar-se da privação da beleza, ou seja, o que pode ser considerado feio, ou até mesmo ridículo. Ver mais em: SUASSUNA, 2002.

⁵ Entre os teóricos apontados por Kirchof, que admitem um sentido mais amplo para a estética, que não apenas o da arte canonicamente aceita, estão Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

futebol, tudo isso está presente: a plasticidade dos dribles, a poesia das jogadas concatenadas com genialidade, a criatividade e imaginação dos craques, a mimese artística, de atletas que parecem imitar o movimento de beija-flores e a astúcia de raposas, buscando inspiração na natureza para os mais fantásticos lances.

Não é por acaso que grandes nomes da literatura, como Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Nelson Rodrigues e Roberto Drummond enveredaram pela crônica esportiva, elegendo o futebol como um dos temas de seus escritos. Como afirmou o poeta Carlos Drummond de Andrade – outro apaixonado pelo esporte bretão – no texto *Letras louvando Pelé*, futebol é “a arte que se tira do corpo. (...) Escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida”. (DRUMMOND, 2002, p. 205-206)

O futebol vai ao cinema

Uma questão interessante, que, novamente, permite a aproximação entre cinema e futebol, é de cunho social, envolvendo a popularização de ambos, a partir da urbanização que se instaura no século XX (época em que há, também, o avanço da comunicação de massa). Victor Andrade Melo explica:

Cinema e esporte estão entre as linguagens mais acessadas no decorrer do século XX, não somente nos seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também em função dos meios de comunicação em geral, que nelas investiram por se tratarem de produtos de grande penetração popular. (MELO, 2006, p. 16)

A sociedade instituída experimentou, em pouco mais de cem anos, uma progressiva penetração do cinema, que se tornou um dos principais meios de entretenimento, na modernidade e na pós-modernidade. O mesmo ocorreu com o esporte, tendo diferentes modalidades destacado-se mundo afora, segundo a cultura de cada povo. O futebol é, reconhecidamente, um dos esportes mais populares do planeta, especialmente, no Brasil, seu *habitat* perfeito, configurando-se como um dos componentes da identidade brasileira, conforme o antropólogo Roberto DaMatta⁶.

Com tamanha popularidade de ambos – cinema e esporte –, era de se supor que os caminhos dos dois se cruzassem. Datam de 1894 as primeiras experiências de filmagem de esportes. Naquele ano, Thomas Edison, inventor do quinetoscópio (“embrião” do cinema) filmou e exibiu uma luta de boxe, nos Estados Unidos. Portanto,

⁶ Ver mais em: DAMATTA, 2006.

a relação entre a sétima arte e o esporte começa, antes mesmo, da invenção do cinema propriamente dito.

Desde então, foram incontáveis produções, sobre modalidades das mais diversas. Diante dessa abordagem recorrente, Andrade de Melo é incisivo: “Podemos sim afirmar que existe um gênero cinematográfico “esportivo”, mesmo que não necessariamente explicitamente reconhecido pela indústria cinematográfica” (MELO, 2006, p. 103).

O Brasil acompanha essa tendência e, na primeira década do século XX, são diversos os registros: “No ano de 1908, foram realizados dois curtas: *Campeonato de 1908*, produzido em São Paulo, e *Match de futebol entre ingleses e Fluminense*, produzido no Rio de Janeiro”. (MELO, 2006, p. 118). O autor também cita, desta mesma época, curtas ligados ao ciclismo, ao automobilismo, à ginástica, à dança e à corrida de touros, entre outros⁷.

Observa-se que, nesse período inicial da sétima arte, ainda temos, predominantemente, filmes de caráter documental, enfocando eventos que mobilizavam a sociedade da época. No entanto, o “casamento” entre cinema e esporte, rapidamente, expande-se para a ficção, refletindo toda a paixão do público por determinadas modalidades. Enquanto, nos Estados Unidos, a predileção é pelo boxe⁸, no Brasil, o futebol brilha nas telas, tanto quanto nos campos.

Em nosso país, os filmes relacionados ao futebol têm, como precursor, *O campeão de futebol* (1931), dirigido por Genésio Arruda, com argumento assinado por Menotti Del Picchia – uma “coincidência” sintomática, diante da tese defendida, de aproximação entre esporte e arte. O proeminente intelectual do Movimento Modernista de 1922, respeitado escritor da literatura pátria, rendeu-se à emoção do futebol e idealizou uma comédia, com ênfase na popularização do jogo.

Nas décadas seguintes, o futebol esteve presente em documentários (*Garrincha, Alegria do Povo* (1962), *Tostão, a fera de ouro* (1970), *Boleiros – Era uma Vez o Futebol* (1998), *Pelé eterno* (2004), *Um craque chamado Divino* (2006), entre inúmeros outros) e enredos de ficção, como *Rio, 40 Graus* (1955), *Pra frente Brasil* (1982), *O casamento de Romeu e Julieta* (2005) e o mais recente, *Heleno* (2012) – uma cinebiografia do rebelde jogador mineiro, que passamos a analisar a seguir.

⁷ Ver mais em: MELO, 2006.

⁸ Não é nossa intenção apresentar um levantamento dos filmes produzidos, mas, como ilustração, podemos citar, entre as obras americanas: *O campeão* (1931) e seu homônimo de 1979, a “saga” *Rocky* (composta de seis filmes, iniciada em 1976 e cuja sexta parte foi lançada em 2006) e *Menina de ouro*, que conquistou o Oscar, em 2005, entre outros.

Nunca houve um homem como Heleno

Na contemporaneidade, temos, como paradigma, a exposição do indivíduo, fazendo, de sua própria vida, um elemento da cultura. Esta lógica é comprovada por representantes de manifestações culturais e artísticas, que, muitas vezes, tornam-se conhecidos não apenas por suas produções ou atuações em determinada atividade, mas, principalmente, por atos de sua vida pessoal. É como se a concepção de Baudelaire sobre a modernidade viesse à tona, alicerçada, agora, pela mídia, que propicia essa superexposição de “artistas”, que se tornam, sobretudo, celebridades, instituindo a figura de um “*dândi*” de nossos dias, “que faz de seu corpo, seu comportamento, seus sentimentos e paixões, sua própria existência, uma obra de arte”. (FEATHERSTONE, 1995, p.99)

Assim foi Heleno de Freitas. Como atacante, permaneceu no Botafogo – time de coração – de 1937 a 1948, estabelecendo a impressionante marca de 209 gols em 235 partidas. Como um artista incompreendido, Heleno não se encaixava no estereótipo de jogador de futebol. Filho de um industrial e proprietário de cafezal, o mineiro, nascido em São João Nepomuceno, era formado em Direito, tinha hábitos refinados e uma personalidade explosiva. Contraiu sífilis, que o levou à loucura. Já irremediavelmente debilitado pela doença, Heleno passou os últimos dias de vida em um sanatório de Barbacena, em meio a delírios envolvendo sua grande paixão: o Botafogo.

Com uma trajetória tão peculiar, Heleno teve sua vida retratada na literatura, na biografia *Nunca houve um homem como Heleno* (NEVES, 2011). O título é uma alusão ao apelido “Gilda”, concedido ao jogador, por amigos e torcedores, graças ao seu temperamento controverso (uma referência à personagem de Rita Hayworth, no filme homônimo⁹). A obra ganhou uma adaptação para o cinema, dirigida por José Henrique Fonseca.

Lançado em 2012, *Heleno* divide-se entre a trágica vida do craque e sua genialidade em campo, sem abdicar de passagens envolvendo os atritos com colegas, a intensa vida boêmia e a decadência, culminando em sua morte, em um hospital psiquiátrico, onde é amparado por seu último torcedor – um enfermeiro.

Ao ter sua vida retratada nas telas, Heleno (representado por Rodrigo Santoro) parece, finalmente, encontrar seu segundo palco, ideal para a exibição de seu talento

⁹ “Nunca houve uma mulher como Gilda” era a frase promocional que identificava o filme, lançado em 1946.

esportivo e de sua personalidade polêmica. O cinema permite que as jogadas espetaculares do atleta, encenadas com perfeição pelo ator, sejam mostradas como obras de arte, ao mesmo tempo em que a própria existência do craque torna-se um elemento artístico, tal como o enredo de uma tragédia.

A estética adotada pelo diretor é um indício de que há a intenção de se reforçar tal similaridade: o longa é todo em preto e branco, com muitas cenas de efeito, closes na figura marcante da personagem, em seu semblante obstinado, e muitas tomadas de câmera em *contra-plongé*¹⁰.

Pode-se considerar, através do que é relatado na biografia de Heleno, e no filme homônimo, que o jogador inspirava-se nos galãs do cinema para compor sua imagem: roupas impecáveis, carrões, cabelo milimetricamente penteado, o cigarro empunhado de forma estilosa... Todos esses detalhes são explorados, tendo, os autores, baseado-se em relatos de pessoas que conviveram com o ídolo e reportagens divulgadas pela imprensa da época. García Márquez foi um dos muitos que escreveram a respeito de Heleno. Em crônica publicada originalmente em 1950, após uma partida em que o jogador defendia a camisa do Atlético Barranquilla, Márquez filosofou: “dr. De Freitas – que deve ser um bom advogado – redigiu nesta tarde, com os pés, memoriais e sentenças judiciais não apenas em português e espanhol alternadamente, mas também citações de Justiniano no mais puro latim clássico”. (MÁRQUEZ, 2006, p. 239)

Assim como o escritor colombiano, o dramaturgo Nelson Rodrigues enxergava, em Heleno, mais que um atleta: “Heleno de Freitas não é bem um jogador, mas um personagem do futebol. Não há no futebol brasileiro jogador mais romanesco” (NEVES, 2011, p. 18). Tal percepção, provavelmente, foi decisiva para que o diretor José Henrique Fonseca decidisse levar Heleno para as telas: “Heleno é um personagem cinematográfico. Acho que na história do futebol brasileiro, não existe um jogador que se adeque tão bem a ser retratado em um filme. Cujas vida se parece com um filme. É um personagem fascinante”¹¹.

Na cinebiografia, vemos essa potencialidade dramática reduplicada, como uma estrutura em *mise em abyme*¹²: o atleta inspira e é inspirado pelo cinema, que o retrata, mediante um tratamento estético que remete à época de ouro da sétima arte, e permite

¹⁰ Recurso no qual o ator é filmado de baixo para cima, o que promove a sensação de engrandecimento. Remete o espectador a variadas sensações, desde a intimidade com a personagem, até o impacto diante de ângulos reveladores.

¹¹ Declaração concedida pelo diretor ao programa *Globo Esporte*, da TV Globo, por ocasião do lançamento do filme.

¹² Expressão tomada de empréstimo de André Gide. Procedimento no qual a narrativa encontra-se reduplicada – de maneira auto-reflexiva, como em um “jogo de espelhos” – no interior de um texto, filme ou pintura.

que o “mito” Heleno possa ser perpetuado. Assim, o cinema serve-se do futebol, como matéria-prima e inspiração, conferindo plasticidade ao esporte e reverberando sua “vocação artística”, através da mimese que vemos na tela.

Considera es finais

Talvez, o esporte não seja, exatamente, uma arte – não em sentido estrito. O “futebol arte”, por exemplo, tão mencionado e defendido por cronistas, jornalistas e torcedores em geral, não se refere, propriamente, a uma manifesta o artística, na acep o exata do termo, como uma escultura ou espetáculo teatral. Entretanto, há, neste esporte – e em diversos outros, não citados neste trabalho, por uma questão de delimita o –, alguns elementos essenciais, indispensáveis a uma obra de arte, que buscamos apontar ao longo do texto.

Trata-se de requisitos que, em sua maioria, fazem parte do processo artístico, e são cumpridos pelo espectador, que também ajuda a encadear um empreendimento artístico, no momento de sua fruic o.   o caso da como o, do enlevo despertado pela obra, que pode levar   reflexão,   catarse ou a alguma emo o.

O torcedor, tal como aquele que assiste a uma bela representa o ou posta-se diante de um quadro, a fim de admirar suas cores e formas, emociona-se, vibra, sai de seu estado ordinário, para entregar-se, mesmo que momentaneamente, a uma outra realidade. A fruic o se faz presente, e o momento catártico – o gol – constitui o ápice do espetáculo.

Por outro lado, tem-se o artista – o atleta –, que se esmera em produzir uma obra-prima, buscando, incessantemente, a jogada certa, o drible exato, o gol perfeito. Evidentemente, referimo-nos  aquele que tem o esporte como voca o, prazer e obsessão.   o craque, o jogador que se esmera em sair do “lugar-comum”, destacando-se dos demais, compondo, dentro e fora de campo, o espetáculo – prestando-se, até mesmo,   espetaculariza o de sua vida.

Assim foi Heleno de Freitas. O ídolo que, em vários sentidos, aproxima-se da concep o de artista, por nós mobilizada. Através de sua “arte”, instigava os torcedores (até os mais ilustres, como Gabriel Gárcia Márquez). Obstinado, não admitia ser apenas “mais um” entre onze atletas. Perseguia tenazmente sua obra-prima. Era um obstinado, tendo sua vida tornado-se uma trágica novela.

O cinema, através do diretor José Henrique Fonseca, permitiu que a tragédia fosse encenada e exposta ao público de nossos dias. Na tela, assistimos a um Heleno,

encarnado pelo ator Rodrigo Santoro, tão genial quanto perturbado, um “Rimbaud dos campos”, cuja meteórica e intensa trajetória, característica de alguns grandes artistas, representa o aspecto mais humano da arte, que se revela no atormentado artista, que parece necessitar visceralmente de sua arte, de modo a canalizar toda a potencialidade de suas emoções e angústias. Neste sentido, consideramos que arte e esporte, futebol e cinema encontram, na cinebiografia *Heleno*, um perfeito exemplar que ilustra, através da vida de Heleno de Freitas, a constatação de que o atleta pode, sim, ser um artista.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- Heleno**. Direção de José Henrique Fonseca. São Paulo: Downtown Filmes, 2012. 116 min.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. **Estética e Semiótica: de Baumgarten e Kant a Umberto Eco**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MÁRQUEZ, Gabriel, Gárcia. **Obra jornalística: textos caribenhos**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MCLUHAN, Marshall. **Compreender os Meios de Comunicação - extensões do homem**. Lisboa: Relógio d' Água, 2008.
- MELO, Victor Andrade de. **Cinema & esporte: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.
- NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. São Paulo: EdiOuro, 2011.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação a estética**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- WELSCH, Wolfgang. Esporte: visto esteticamente e mesmo como arte? In.: ROSENFELD, Denis (Org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.